

Como votar no segundo turno



» JAIME PINSKY
Historiador, professor titular da Unicamp

Muitas cidades importantes do Brasil realizam, nos próximos dias, o segundo turno das eleições para prefeito. Impactados pela propaganda, particularmente a televisiva, eleitores oscilam com dificuldade para decidir-se por este ou por aquele. Democracia é assim, como já foi dito muitas vezes, um péssimo sistema político, com a única vantagem, contudo, de ser menos ruim do que todos os demais experimentados até hoje pelas sociedades humanas.

Assim, a responsabilidade de cada eleitor continua grande, é ele que faz a diferença. E como votar pela cara do candidato, ou sob o efeito de emoções profundas, porém passageiras, é um desastre, nada como estabelecer alguns critérios a partir dos quais grandes municípios brasileiros poderão ter dirigentes melhores. Verificar se na plataforma dos candidatos estão previstas soluções para questões do dia a dia do brasileiro é uma forma de ajudar a democracia. Dentre muitas questões importantes que devem ser contempladas pelos candidatos a prefeito finalistas, estão:

1. Creches: é inconcebível alargarmos o período de licença maternidade, como se o país tivesse uma política natalista, e fazer subsistir um déficit tão absurdo de creches para crianças, particularmente para aquelas que são filhas de mães pobres. A incoerência é evidente. Ou o país sinaliza que não tem interesse em crianças, ou constrói, com urgência, creches para alojar quem não pode pagar centenas de reais (ou até milhares em alguns casos) por mês para “escolinhas”

particulares. Qual é a proposta concreta que os candidatos a prefeito de sua cidade têm a respeito desse assunto?

2. Política habitacional: o Brasil está com uma imagem bastante positiva no exterior e há aqueles que julgam já termos ultrapassado a barreira da pobreza. A favelização da maior parte das grandes cidades brasileiras é um dos fatores mais evidentes do erro dessa avaliação a nosso respeito. Sem condições de morar nas áreas centrais da cidade, os pobres constroem casas irregulares em áreas afastadas, onde correm perigo por conta de desabamentos, ausência de esgoto etc. e prejudicam a todos quando se instalam em regiões de mananciais. Como os candidatos pretendem enfrentar com seriedade esse tema?

3. Transporte coletivo. A absurda política de privilegiar o transporte individual em detrimento do público origina-se do governo federal, preocupado com os impostos que recebe das montadoras de automóveis. Nossas cidades maiores, e até muitas das médias, têm um trânsito que obriga o cidadão a ficar horas no caminho de casa para o trabalho. Qual dos candidatos tem projetos viáveis para essa questão?

4. Calçadas. Em quase todos os países considerados de primeiro mundo a cidade é feita para o cidadão, o pedestre, e não as máquinas. Isso implica em calçadas largas e planas, rebaixadas para a passagem de carrinhos de bebês e cadeirantes (não rampas que interrompem a calçada para facilitar a entrada de automóveis nas garagens). Calçadas largas, não invadidas por guaritas,

banca de revistas irregulares, vendedores ambulantes e, em muitas cidades, automóveis que usam o espaço dos pedestres para estacionar. O candidato em quem você pretende votar no segundo turno vai favorecer as calçadas?

5. Esporte e lazer. Enquanto em alguns bairros privilegiados das grandes cidades brasileiras há uma profusão de praças e espaços de lazer, em outros, anda-se quilômetros sem se ver uma única árvore plantada, um único local destinado ao lazer de final de semana. As prefeituras não têm a obrigação apenas de providenciar água, esgoto, asfalto e transporte coletivo de qualidade, mas também opções de lazer que possam integrar socialmente os moradores. Não se trata apenas de grandes eventos — que também são importantes, é claro — mas de atividades para a comunidade, no dia a dia. O seu candidato pensa no cidadão como merecedor de atenção, ou apenas como massa de manobra política?

6. Ouvidoria. Após o período eleitoral, em que os candidatos comem pastel de feira e beijam criancinhas, os eleitos se recolhem a seu mundo distante da população. Passear pela cidade de helicóptero não dá aos governantes proximidade com o povo que deveriam servir. O mínimo que devem estabelecer é uma ouvidoria bem organizada para que o prefeito estenda seus olhos e ouvidos pela cidade toda. Seu candidato pensou nisso, ou só quer o seu voto para poder montar, em paz, com seus asseclas (desculpe, assessores) a estratégia para a eleição seguinte?

Duas Venezuelas para Chávez

» JORGE FONTOURA
Doutor em direito internacional, foi observador internacional nas eleições presidenciais venezuelanas

A recente eleição ao Palácio de Miraflores, em Caracas, seguida de interesse inédito da comunidade internacional, revela particular momento de valorização da América Latina. Ao contrário do caos democrático que se anuncia justa ou injustamente, o que se viu foi pleito normal, de acordo com os padrões de legalidade e de legitimidade insitas de processos eleitorais republicanos.

É compreensível que expectativas em relação à América Latina não sejam das melhores: a história regional é de desatino e de autoritarismo, de quarteladas e de golpes brancos, como se períodos democráticos fossem interlúdios das ditaduras inevitáveis de nossos 100 anos de solidão. Depois, havia o fator Chávez, com sua tremenda capacidade de despertar sentimentos extremados de amor e de ódio, a dar ao pleito venezuelano a feição de confronto de dois mundos, antes do que mais uma eleição presidencial.

As propostas em disputa representavam ademais duas leituras tão distantes quanto inconciliáveis, o que parece difícil de entender-se no Brasil atual, de atrofia ideológica e de pauperização de projetos e de aspirações. Como aspectos positivos, desde logo a participação em torno de 81% do eleitorado venezuelano foi recorde, em país no qual o voto não é obrigatório, com índices superiores às últimas eleições americanas ou francesas. Revelou-se ainda modelar sistema

eleitoral, de urnas eletrônicas tão eficientes e seguras quanto as brasileiras, garantidas por sistema paralelo de votação em cédulas.

Conjuga-se assim o novo ao tradicional, com identificação digital eletrônica, mas sem deixar de usar a tinta na ponta dos dedos, agora pelo seu caráter simbólico. Em nossos vizinhos, a mancha nos dedos usada para evitar a dupla votação transformou-se em marca orgulhosa de participação cidadã. Não é incomum que se levem crianças às mesas, para tingirem-se as mãos e aprendem desde cedo a valorizar as escolhas eleitorais e a democracia.

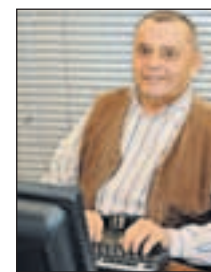
Se a vitória de Chávez foi incontestada, com a vantagem de 11% dos votos, cerca de 1,6 milhão de eleitores, a grande vitória constituiu-se na reconstrução do diálogo civilizado entre a situação e a oposição. Também é de enfatizar a ampla liberdade de imprensa que se verificou, mesmo a da imprensa internacional opositora contumaz da Venezuela, como a CNN em espanhol, presente com seus repórteres mais contundentes.

Também tradicional crítico de Chávez, é relevante o comentário de Rafael Villa de que após a eleição verifica-se um efetivo chavismo, não só como fenômeno estatal, mas como fenômeno social, com base eleitoral cativa e fiel. Porém, edifica-se também oposição com chances reais de poder, com ideias e valores diametralmente opostos ao governo, com nomes, projetos e apoio de

substancial parcela do país: a outra Venezuela, a de Henrique Capriles e de seus cerca de 6 milhões de eleitores.

Além desses fatores, superou-se na didática eleição a falsa ideia de que a Venezuela era a luta de classes “après la lettre”, com pobres de um lado e ricos de outro. Em verdade, o pleito revelou tanto ricos chavistas como pobres caprilistas, a quebrar o maniqueísmo da guerra fria, com suas interpretações simplistas do papel do Estado e da função do mercado. Se hoje o mundo é mais complexo, a Venezuela não está fora dele, com seu enorme potencial humano e econômico, como país estrategicamente amazônico e caribenho. Também, é verdade, com seus dilemas de desenvolvimento e de bolsões de pobreza, tão familiares à realidade brasileira.

A considerar a entrada da Venezuela no Mercosul, após sua inclusão não isenta de críticas, tanto a eleição rotunda de Chávez como o advento da oposição consistente de Capriles são altamente benéficos para o equilíbrio regional. Com isso, pode-se exorcizar a ideia da democracia como mero arrego instrumental a serviço de Chávez e de seu discurso provocante de revolução, pátria y soberanía. A ideia do voto faz de conta, da urna de mentira, para legitimar deficit democrático inescusável, de uma América Latina a flertar sempre com os seus santos, deuses e heróis.



ARI CUNHA

DESDE 1960

VISTO, LIDO E OUVIDO

aricunha@dabr.com.br
com Circe Cunha // circecunha.df@dabr.com.br

Nióbio do universo

A China detém 15% da produção de nióbio do Brasil, metal raro e estratégico. Difícil confirmar se o Brasil fornece ao mundo sua relíquia que vem da terra. Com ela são fabricadas turbinas, naves espaciais, aviões, mísseis, centrais elétricas e aço forte. Estados Unidos, Europa e Japão são totalmente dependentes da produção brasileira. O Brasil perde por volta de US\$ 14 bilhões anuais. Comparando com outras produções, é igual à venda de petróleo em barril ao preço de um dólar americano. Nióbio apresenta algumas vantagens, como utilização em aço inoxidável e em liga de metais não ferrosos. Com o símbolo Nb, o nióbio também é usado na produção de tubos para a condução de líquidos. Seu nome é homenagem à deusa grega Niobe, que era filha de Tântalo, responsável por outro elemento químico, tântalo. Nióbio é dotado de elasticidade e flexibilidade que permite ser moldável.

»» A frase que não foi pronunciada

“Se o telefone não tocar, sou eu.”

Ministro Joaquim Barbosa pensando em se isolar no fim de semana.

Petróleo do Irã

» Petróleo do Irã é combustível queimado dia e noite. É de ver a quantidade de gás pouco encontrado nos mapas geológicos. Perigo à vista.

Viagens

» Brasil e Europa resolveram que não será preciso exigência de documentos aos turistas. O tempo de permanência é de alguns dias. Quem extrapolar passa por dissabores. Dessa forma, os países são acordes com a decisão, ficando a responsabilidade por conta do viajante.

Obras suspensas

» Obras que foram iniciadas no Eixo Rodoviário foram suspensas por contrariar o plano da cidade. Entendimentos necessários estão sendo consolidados pela organização de Brasília.

Surpresa

» Ex-presidente Lula da Silva fala em correção. Banca popular indica que o seu trabalho tem por base o mesmo que fala durante tempos. Dinheiro aos aposentados não deu certo. Família se escora no chefe e fica sem fazer nada, tomando sua cachacinha ou indo além de bom comportamento.

Canaletas

» Há muitas cidades em situação de perigo. Canaletas de águas pluviais estão entupidas. Mais leve chuva causa transtornos perigosos. Certa vez vi contínuo de um bar jogar o que sobrou de cocos consumidos. Com as chuvas, houve acidente. A água se espalhou livremente. A nesga de asfalto destruiu várias ruas. Isso na Avenida Virgílio Távora, em Fortaleza.

Levou a melhor

» Nélio Nicolai é autor da construção do identificador de chamadas telefônicas. Por volta de 1970, usando calculadora, descobriu o grande fato. A patente foi registrada em 1992. O registro é obrigatório no Brasil. Já foram processadas as empresas Claro, Vivo, CTBC e Sercontel.

Eleição

» Cabe ao eleitor manter seus direitos. Ficar ao lado dos candidatos da própria preferência. Dessa forma, o direito do povo será respeitado. Se não, haverá discrepância.

Contrato

» O governador Agnelo Queiroz, em viagem ao exterior, contratou técnico oriental para emitir opiniões sobre o plano de Brasília. Estranho isso acontecer, com tantos engenheiros e arquitetos aqui residindo. A facilidade está pertinho da gente.

Corrupção

» Na cidade de Planaltina, 8 mil eleitores não compareceram às eleições. Denúncias de compra de votos foi assunto preferido para explicação. É que os eleitores aprenderam. Vendem o voto, mas não votam.

Aracaju

» Há informação de que se todas as pessoas nascidas em Aracaju voltassem à terrinha de uma vez, não caberiam no território. João Alves passou pelo Congresso Nacional. Foi eleito em sua terra. Para lá vai transferir o bom gosto e a experiência colhidos na vivência dos anos.

»» História de Brasília

Uma das vantagens da instalação da agência da Willys em Brasília foi esta: um motor de Jeep custa, na Propac, 230 mil cruzeiros. Na Willys, o mesmo motor custa 165 mil cruzeiros. Tenho dito. (Publicado em 1/6/1961)